

# abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual  
Clipping da imprensa

*Brasília, 18 de fevereiro de 2019 às 07h55*  
*Seleção de Notícias*

Estadão.com.br - Últimas notícias | BR

Pirataria

A vida na era dos grandes vazamentos de dados .....	3
---	---

G1 - Globo | BR

16 de fevereiro de 2019 | Pirataria

Homem é preso com R\$ 2 milhões em produtos piratas na Baixada Fluminense .....	5
---	---

RIO DE JANEIRO

A Tarde | BA

Marco regulatório | Anvisa

Genéricos ainda enfrentam desconfiança .....	6
--	---

CIÊNCIA & VIDA

## A vida na era dos grandes vazamentos de dados

Divulgação de informações confidenciais estão em toda parte: para o bem ou para o mal

No mesmo dia em que Roger Stone, um político americano dado a trapanças, foi acusado de mentir a respeito de um importante vazamentos de dados que começou com hackers russos, um grupo de ativistas em defesa da transparência liderados por uma mulher de Boston, postou uma enorme coleção de vazamentos da Rússia. Não foi apenas uma coincidência, mas mostrou uma tendência, uma consequência da tecnologia e um aspecto do nosso tempo. Vivemos em uma era de vazamentos de dados, para melhor ou para pior.

O lado positivo é fácil: nós conseguimos acesso a informações que os poderosos e as instituições querem manter em segredo. O lado negativo é mais complicado: os vazamentos frequentemente violam as leis contra a **pirataria** ou o roubo e invadem a privacidade das pessoas, nem sempre com objetivos louváveis. Eles podem ser armas poderosas, imprevisíveis, perigosas, e permitir que um país se intrometa nos assuntos de outro.

Nos EUA, os e-mails e documentos do Partido Democrata, pirateados pela inteligência russa e transmitidos pela WikiLeaks cujo principal orquestrador foi Stone, podem ter permitido que uma potência estrangeira ajudasse a eleger o presidente americano em 2016. Entretanto, os novos e amplos arquivos de vazamentos russos, que incluíram os vínculos do governo com a Igreja ortodoxa russa e a administração do Kremlin de sua invasão da Ucrânia, mostraram que, atualmente, também a Rússia é alvo de vazamentos.

Maciços vazamentos tornaram-se a tal ponto comuns no mundo todo que somente os mais extraordinários chamam a atenção. Na África do Sul, uma Comissão de Inquérito sobre o "State Capture" (a manipulação das leis e da burocracia estatal em benefício próprio) é impulsionada pelos "Gupta Leaks", e-mails que de-

talham os vínculos da corrupção entre funcionários do governo e o império de negócios da família Gupta. Na Hungria, foi preso um português que admitiu desempenhar um papel fundamental nos "Vazamentos do futebol", que revelaram transações financeiras desonestas no futebol mundial.

Um terabyte de dados - 100 milhões de páginas ou mil horas de vídeo - agora podem ser compartilhados em um pen drive. Se a informação é poder, há muito poder em um pacotinho mínimo. Normalmente, as companhias anunciam roubos cibernéticos de dados dos clientes, causando problemas burocráticos a milhões de pessoas. Os vazamentos também visam indivíduos com o objetivo de criar embaraços ou extorsão.

Mas os vazamentos com as consequências mais graves são os que têm a ver com o poder político. Os telegramas diplomáticos que Chelsea Manning entregou à WikiLeaks em 2010 revelaram o mundo oculto da diplomacia. Os documentos de Edward Snowden sobre a Agência de Segurança Nacional, compartilhados com jornalistas em 2013, levaram o governo dos Estados Unidos a estabelecer novos limites na vigilância dos americanos. Os Panama Papers, vazados a um jornal alemão em 2015, provocaram investigações sobre evasão fiscal e lavagem de dinheiro em todo o mundo.

De modo geral, estas gigantescas revelações parecem em grande parte benéficas - mesmo que nem todos os diplomatas, funcionários dos serviços secretos e advogados especializados em assuntos fiscais devam aplaudi-las. Mas os grandes vazamentos da era atual não são todos sobre guerra e paz, a ingerência do governo ou a equidade financeira.

Para os jornalistas, a ansiedade pelo furo pode atropelar o julgamento cuidadoso a respeito do valor das revelações e as questões problemáticas referentes às fontes. E os vazamentos da Sony Pictures - a vingança do líder norte-coreano por causa de um filme

Continuação: A vida na era dos grandes vazamentos de dados

insultuoso - que revelaram boatos e segredos de empresas? E os vazamentos de informações pessoais de Ashley Madison.com, que facilita casos extraconjugais?

E o que dizer dos 20 mil e-mails do Comitê Nacional Democrata e mais 20 mil páginas de e-mails enviados e recebidos por John Podesta, o gestor da campanha de Hillary Clinton, a respeito dos quais Stone é acusado de ter mentido? Esta brecha, usada como arma pela Rússia em meio a uma disputa presidencial, ilustra a natureza ambígua das intrusões. Os vazamentos, afinal, não eram desinformação, embora tenham sido obtidos por meios criminosos.

Entretanto, não podem ser separados de quem fez com que acontecessem. Um serviço secreto estrangeiro interveio com uma consequência significativa em favor de um lado das eleições americanas. Imaginemos se funcionários russos ti-

vessem ignorado Hillary Clinton e pirateado e publicado documentos revelando as épicas trapagens de Trump com o fisco e os pagamentos secretos às suas amantes.

Como seriam vistos os vazamentos dos e-mails democratas se os dados tivessem sido pirateados ou vazados por um americano descontente - uma história fabricada que partidários da Rússia e de Trump quiseram empurrar para a opinião pública em 2016 - sem o envolvimento de uma potência estrangeira? Vale a pena nos determos nestas possibilidades. Os americanos logo poderão tentar a técnica do vazamento, como qualquer estudioso dos truques sórdidos de campanha pode nos informar. Basta perguntar a Stone, que escreveu em seu livro "Stone's Rules": "Para ganhar você precisa estar disposto a tudo".

## Homem é preso com R\$ 2 milhões em produtos piratas na Baixada Fluminense

RIO DE JANEIRO



O caminhão apreendido tinha quase quatro toneladas e produtos e iria abastecer o comércio ilegal na Baixada Fluminense.

*Motorista de caminhão carregava quatro toneladas de calçados e faz parte de uma quadrilha de falsificadores de Minas Gerais, segundo a Polícia Civil do RJ.*

O motorista de caminhão Gerson Gomes da Silva, de 40 anos, foi preso na manhã deste sábado (16) enquanto carregava mercadorias falsificadas avaliadas em R\$ 2 milhões na Rodovia Washington Luís, em Duque de Caxias, Baixada Fluminense.

Segundo a Polícia Civil, ele faz parte de uma quadrilha de falsificadores baseada em Nova Serrana, Minas Gerais. O grupo produz tênis, sapatos e chinelos piratas e leva para outros estados.



## REMÉDIOS Vendas aumentam no país, mas eficácia é questionada por médicos que nem sempre prescrevem o produto

# Genéricos ainda enfrentam desconfiança

JANE FERNANDES

Os medicamentos genéricos são a primeira escolha de 45% dos brasileiros quando vão às farmácias, de acordo com pesquisa da Federação Brasileira das Redes Associativistas e Independentes de Farmácias (Febrafar). A pedagoga Marina Queiroz, 41 anos, estaria totalmente inserida nesse grupo se sua ginecologista não fosse radical na prescrição do seu tratamento de reposição hormonal. "Ela alerta que na farmácia vão tentar me empurrar outros, mas que eu só compre aquele da receita", explica.

Marina conta que o medicamento prescrito custa quase o triplo do preço do genérico Tibolona (denominado com o princípio ativo), mas ela tem receio de comprar outro. "A médica diz que, pela sua experiência, nenhum genérico funciona", ressalta a pedagoga, imaginando que a especialista confia apenas nos medicamentos de referência.

Porém, de acordo com os registros da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), a marca recomendada pela ginecologista de Marina é um similar intercambiável. Isso significa que esse medicamento foi liberado mediante apresentação e aprovação de estudos que comprovam sua equivalência ao produto de referência, mesmo processo definido para o registro de genéricos. A reposição é o único tratamento contínuo realizado por Marina, que sempre opta pelos genéricos nas compras pontuais. "Minha vivência é de normalmente o médico prescrever o medicamento referência, mas eu peço que informe também o genérico. Eles sempre atendem, mas alguns fazem isso a contragosto", revela.

Dados da Anvisa mostram que os genéricos foram a primeira opção de prescrição em apenas 34% dos 115 milhões de receitas emitidas entre março de 2017 e fevereiro de 2018. Enquanto os produtos de referência e similares ficaram empatados com 33% de participação cada um. Responsável pela compra dos dez medicamentos de uso contínuo utilizados pelo seu pai, a advogada Alane Virgínia não encontrou resistência para adotar os genéricos. "Inicialmente, prescreviam os medicamentos 'originais', então questionei sobre a possibilidade de uso dos genéricos. Os três médicos – cardiologista, ne-



Marina Queiroz faz reposição hormonal com medicamento de referência que custa o dobro do genérico, por exigência da sua médica

**Segundo a Anvisa, os genéricos devem ser, no mínimo, 35% mais baratos**

**34%**  
dos 115 milhões de receitas emitidas no período entre março de 2017 e fevereiro de 2018 tinham os medicamentos genéricos como a 1ª opção de prescrição

frologista e endocrinologista – sinalizaram positivamente", diz. Atualmente, ele utiliza somente dois medicamentos de referência, que ainda não contam com genéricos disponíveis.

Por meio da assessoria de imprensa, a Anvisa informa que aproximadamente 3,9 mil genéricos são produzidos no País, alcançando 577 princípios ativos e atendendo a 90% das patologias. A agência destaca que os genéricos devem ser, no mínimo, 35% mais baratos que o medicamento de referência, o que contribui para aumentar o acesso a medicamentos de qualidade, seguros e eficazes. "O que o Creneb (Conselho Regional de Medicina da Bahia) sempre defendeu é que os medicamentos que são fiscalizados pela Anvisa, que têm bioequi-

valência, devem ser utilizados. Aqui na minha casa, as medicações de referência são genéricas", afirma o anestesista José Abelardo Meneses, integrante do Conselho Pleno do Creneb. De acordo com a Lei dos Genéricos (9.787/1999), quando produtos são bioequivalentes, eles contêm "idêntica composição qualitativa e quantitativa de princípio(s) ativo(s)".

Na avaliação de Meneses, a resistência de alguns médicos pode ser causada por experiências negativas pontuais, não necessariamente relacionada aos genéricos. "Quando o usuário vai comprar a medicação, ele procura saber qual é o mais barato e nem sempre é o genérico. Às vezes tem uma 'cópia' que é mais barata e o médico não está ali para controlar, então por se-

gurança pede o de marca (referência)", pondera.

O que o conselheiro chama de cópia são medicamentos registrados pela Anvisa como similares, categoria na qual os testes de bioequivalência passaram a ser exigidos posteriormente. Embora a Resolução 58/2014 da agência tenha determinado a adequação de todos os similares já registrados, a coordenadora do curso de farmácia da Universidade Estadual de Feira de Santana, Tatiane Alencar, diz que medicamentos sem equivalência comprovada ainda são comercializados. A pesquisa da Febrafar comprova o aspecto econômico apontado por Meneses, mostrando que 33% dos consumidores compram produtos diferentes do objetivo inicial e,

em metade dos casos, a motivação é o preço. O levantamento foi realizado com quatro mil consumidores, entrevistados em 29 cidades das cinco regiões do País. As questões foram respondidas no momento de saída das farmácias, após o término das compras.

Quanto aos genéricos, o presidente da Febrafar, Edison Tamascia, afirma que os preconceitos se mostram infundados. "Para a aprovação da comercialização de medicamentos genéricos, esses passam por aprofundadas análises e avaliações, o que garante que a eficácia seja a mesma que a dos produtos de marca. Assim, exceto por preferências pessoais, fato que respeitamos totalmente, não existem restrições ao uso desses medicamentos", reforça.

## Índice remissivo de assuntos

**Pirataria**

3, 5

**Marco regulatório | Anvisa**

6